

*INSPETORIA DE SÃO JOÃO BOSCO
MINAS - BRASIL*

12-1-67

Padre Onorato Serena



SALASSA — TURIM
ITÁLIA * 14-1-1881

COLÉGIO STA. ROSA
NITERÓI † 12-1-1967

Filho de uma família italiana que imigrou para o Uruguai, em busca de trabalho, que lhe tornasse mais fácil a vida.

Chamava-se seu pai, José Serena e sua mãe, Maria Rivessi. Era o ano de 1894 quando chegaram ao Uruguai, dirigindo-se logo para a cidadezinha de Las Piedras. Religiosos, tiveram a felicidade de encontrar ali os Salesianos, que eram os senhores da cidade. Lá estavam desde 1879, fundando o Colégio Santo Izidro e lhes foi dada também a paróquia. Logo se afeiçãoou a família aos seus compatriotas salesianos e para o Oratório Festivo, mandaram os meninos, entre os quais o nosso Onorato. O italianinho de Salassa, onde havia nascido em 14 de janeiro de 1881, lá estava, sério, de poucas palavras, obdiente, exemplar e por isso muito estimado de seus professores de catecismo. Nesse contato e depois, freqüentando as escolas dos padres, nasceu-lhe a vocação. Em 19 de novembro de 1895, terminado o curso ginasial, fez pedido e foi aceito ao Noviciado, no qual entrou em 11 de janeiro de 1899. Terminado este fez a primeira profissão em 13 de janeiro de 1900, cursando a filosofia e o primeiro ano de tirccínio no mesmo Colégio de Las Piedras.

Mandado para o colégio de Paissandu onde fez a profissão perpétua em dois de janeiro de 1909. Foi depois destinado ao Liceu Leão XIII, na cidade do Rio grande, que tinha sido aberta em 1901, a qual, bem como a de Bagé, pertenciam à inspetoria do Uruguai.

Em 1912 o encontramos como assistente dos Menores e professor no Colégio São Joaquim de Lorena. Tinha o caráter um pouco ríspido com os alunos, mas estes o queriam muito pelo seu zelo na assistência, fazendo questão de ser avisado quando algum se ausentava, mesmo chamado pelos superiores, tendo tido alguma divergência com o Conselheiro por esta causa. Era o verdadeiro assistente salesiano.

Foi destinado ao Colégio Santa Rosa, onde foi ordenado sacerdote no dia 20 de março de 1915, pelo bispo de Niterói Dom Agostinho Benassi. Como todos os nossos veteranos, estudou a Teologia e demais matérias eclesísticas durante a assistência à luz fraça de uma vigia, quando os alunos já entregues nos braços de Morfeu. Verdadeiros heróis, que eu venero como os construtores deste edificio colossal que é Congregação Salesiana, no Brasil e com seus suores e sacrifícios inauditos nos deram o conforto que ora gozamos.

Já agora sacerdote, em 1925 foi para o Rio Grande, como capelão e professor, daí, em 1928 foi para Bagé, voltando para Niterói em 1935, onde passou o resto da vida.

Foi professor do curso elementar e de admissão por 49 anos, e quando já cansado e nervoso, foi-lhe poupado este sacrifício levantou um veemente protesto, pois queria morrer na brecha, fazendo suas Bodas de Ouro de professor. Queixou-se amargamente ao inspetor, o qual teve que, com palavras paternais, tentar convencê-lo de que seus anos, sua doença, não permitiam mais aos superiores aceitar o seu heroísmo.

Êle se resignou, mas, não se convenceu. Admiramos nêle não só esta dedicação em lecionar para o curso de admissão, corrigindo as tarefas, mas, também o amor que tinha à sua capelania, que atendeu por 15 anos numa constância e pontualidade inapontável. Já alquebrado pelos anos e pela doença lá ia êle arrastando os pés, cedinho, atender às suas ovelhas, que com carinho filial correspondiam à sua dedicação. Só quando a esclerose o atacou violentamente e as tonteiras se repetiam, tendo desmaiado várias vêzes no altar, é que, por obediência aos Superiores se resignou deixar a sua Capelania. Exemplo para os pósteros, dêstes heróicos filhos de Dom Bosco, que guardavam na mente e no coração as palavras do Pai: "Descançaremos no Paraíso".

Os últimos meses passou-os em seu quarto, recebendo, de quando em vez a visita dos irmãos, que carinhosamente iam levar-lhe o consôlo de sua companhia.

Gostava de saber notícias e guardava recortes de jornais para ler aos que o visitavam, comentando os acontecimentos de sua segunda pátria, o Brasil, que êle amava carinhosamente. Nós, brasileiros, devemos ter uma gratidão imorredora a êsses nossos irmãos, que fizeram de nossa pátria, sua pátria, consagrando sua vida na educação da nossa juventude. A êle o preito de nossa homenagem e o reconhecimento do Brasil.

Era muito piedoso. Sempre disposto a atender, por muitos anos às confissões dos alunos e do povo até a surdez o impedir de exercer êste ministério sagrado, da direção das almas.

Foi seu gôsto sempre dar a bênção do Santíssimo Sacramento, aos alunos, nos domingos, à tarde. Não cedia também à pessoa alguma o ofício de subdiácono nas missas cantadas, a não ser que estivesse impedido.

Com os irmãos doentes era de um carinho a tôda prova, podemos ver isto no cuidado fraternal que tinha com o Pe. Manoel Collaso, que a esclerose tornara meio inconsciente.

Era de um caráter ríspido, difícil de se tratar com êle, porém como os irmãos sabiam que sua braveza era da bôca para fora, não ligavam. Repudiava qualquer favor que se lhe quisesse fazer, com receio de dar incômodos a outrem. Na doença tornou-se mais difícil, porém, seu vizinho de quarto, Pe. Agra, não olhava suas zangas e convencia-o que tomasse os remédios, pois êle não acreditava na eficácia dêles e nem nos médicos, apesar da dedicação do Dr. Jofre, médico do colégio.

A enfermeira, Da. Júlia Easter, foi uma mãe para com êle, como tem sido para todos os salesianos e alunos enfermos.

Ocultou, por anos a fio, uma doença que o fazia sofrer horrivelmente, e que só a revelou ao seu grande amigo Pe. Daniel Bissoli. Dizia: "Quando eu morrer vocês vão ter uma grande surpresa". A surpresa era uma enorme hérnia. Nessa crosta, que era visível a todos, se ocultava um grande coração, amante de D. Bosco e da Congregação, dando a todos o bom exemplo do trabalho, da piedade e da observância.

Quando saía para celebrar na capelania, duas cousas lhe eram habituais: olhar quem faltava na tabela das missas do dia e abria a porta da capela dos salesianos para ver quem estava faltando à meditação e depois indagava porque faltou.

Sempre pontual às práticas de piedade e sofria quando a surdez o privou de ouvir a meditação e a leitura.

Dizia-me o catequista que ia várias vezes visitá-lo e que sempre o achava rezando o Breviário ou o terço e às vezes, lendo as últimas notícias. Ao Pe. Wander que lhe perguntava, se precisava de alguma coisa, logo respondia sim ou não e logo o despachava dizendo: "Bem, pode ir, você tem mais que fazer." Vendo seu estado, ofereceu-se o Pe. Wander para chamar, seu confessor habitual. "Disse: "Quero um salesiano, chame o Pe. Agra".

Perceberam os salesianos que sua vida ia se extinguindo, não como uma lâmpada à qual lhe falta o azeite, mas, como um Círio pascal, volumoso, decorado de virtudes, que se vinha desgastando através dos anos e se acabava, depois de representar Cristo em muitas Páscoas".

Cinco dias antes da morte perguntou-lhe o catequista se queria receber a Unção dos enfermos. Acenou-lhe que sim. Recebeu-a, percebendo tudo, sem nada dizer. Amiudaram mais as visitas dos salesianos. Durante sua doença todos os salesianos se esforçaram para dar-lhe o máximo de assistência e conforto possível. No dia 10 de janeiro foi chamado o Sr. José Lanna, que pela prática que tem e pelo carinho com os doentes é uma verdadeira mãe, mas, já o encontrou em estado de coma, ao chegar em seu quarto às 10 horas do dia 11.

Chegou apenas para lhe serrar os olhos, pois às 12,30 expirava. Deu-lhe o Pe. Wander a absolvição "in articulo mortis". Sugerindo o Sr. Lanna, deu-lhe também a bênção de N. S. Auxiliadora; ainda rezava a oração, quando acometido de uma hemoptise expirou. Seu corpo foi velado na Basílica; à tarde houve missa de corpo presente celebrada pelo Revmo. Sr. Pe. Inspetor, Pe. Décio Teixeira, achando-se presentes todos os salesianos e inúmeros fiéis sobretudo aqueles, a quem ele, por tantos anos, havia dirigido no sacramento da misericórdia. No cemitério do Saco de S. Francisco, descansam os restos mortais do valente lutador, ao marulhar das ondas, que por 32 anos, haviam cantado suas vitórias de filho dedicado de São João Bosco. Peçamos-lhe que lá do céu, alcance a perseverança para todos nós.

Uma prece pelo irmão encanecido nas lides da gloriosa falange de D. Bosco,

Pe. Alcides Lanna Cotta